

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

PARA ALÉM DA FORMAÇÃO CONTINUADA EM CONTEXTO: O REGISTRO DA PRÁXIS DOCENTE ¹
BEYOND CONTINUED TRAINING IN CONTEXT: THE REGISTRY OF TEACHER

Bruna Barboza Trasel²

¹ Recorte da pesquisa que originou a Dissertação construída no âmbito do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUI, defendida em 2017.

² Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUI). Professora de Educação Infantil e Anos Iniciais na Rede Municipal de Ijuí-RS

RESUMO

Este escrito apresenta o recorte de um conjunto de argumentos acerca do tema "Registro Docente" tomando como referência de análise o Portfólio construído por professoras de Educação Infantil para o registro das formações continuadas em contexto realizadas no âmbito escolar de uma instituição de Educação Infantil do município de Ijuí-RS. Esta análise buscou encontrar vestígios de *práxis* nos registros das professoras, considerando a formação continuada em contexto como possibilidade de *práxis* docente. A metodologia utilizada é a Pesquisa-ação. O resultado da pesquisa demonstrou que as formações continuadas em contexto que discutem as ações pedagógicas realizadas pelos professores torna-se uma possibilidade de *práxis* docente, o que foi constatado com a análise dos registros constados no Portfólio.

Palavras-chave: Portfólio. Registro. Registro docente.

ABSTRACT

This paper presents the clipping of a set of arguments about the theme "Teaching Record", taking as reference the analysis of the Portfolio constructed by teachers of Early Childhood Education for the registration of continuing education in context carried out in the school context of an institution of Early Childhood Education of the municipality of Ijuí-RS. This analysis sought to find traces of praxis in the teachers' registers, considering the continued formation in context as a possibility of teacher praxis. The methodology used is Action Research. The research results showed that the continuous formations in context that discuss the pedagogical actions carried out by the teachers becomes a possibility of teaching praxis, which was verified with the analysis of the records included in the Portfolio.

Keywords: Portfolio. Record. Teacher registration.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

1 INTRODUÇÃO

O registro possui papel fundamental na Escola, pois através dos mais diferentes registros é que criamos memória do que vivemos, de como vivemos e do quanto vivemos dentro desta instituição. A escola cuja pesquisa ocorreu possui muitas formas de registro. Os cadernos de chamada, os diários de professores, os dossiês (que iniciamos em 2015 e hoje são chamados de “diários de bordo”), o Portfólio de Formações, o Portfólio das aprendizagens das crianças e os Relatórios de Desenvolvimento e Aprendizagens das Crianças, além dos registros legais e rotineiros.

Neste estudo, me dediquei a olhar para o Portfólio de Formações, cujos registros contam sobre as aprendizagens de professores, funcionários e famílias nas formações continuadas em contexto, criando memória do vivido no ano de 2015 por todos estes segmentos, ora juntos, ora em separado. Sendo que elejo as formações com professores para uma leitura interpretativa.

Paulo Freire afirma em seu livro intitulado *Educação como prática da Liberdade* (2014, p.104) que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” Esse excerto expõe meu posicionamento diante da possibilidade de ousar pensar sobre a relação da *práxis* docente com a formação continuada em contexto, a fim de trilhar o caminho em busca do objetivo de discussão na dissertação construída no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí-RS.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a pesquisa-ação na qual o pesquisador ocupa-se com uma ação ou problema, que neste caso é a ação de construção do Portfólio como registro das formações continuadas em contexto ocorridas em uma escola de educação infantil pública, realizando a análise dos registros contidos nesse documento.

A pesquisa-ação conforme afirma Michel Thiollent (2011, p. 20) “é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema”, desta maneira, o papel dos pesquisadores é importantíssimo, pois, os mesmos “ [...] estão envolvidos de modo cooperativo e participativo” com a ação ou problema a ser pesquisado.

A escolha dessa metodologia deve-se ao fato de que participei como professora/coordenadora pedagógica no momento da construção dos registros que formam o Portfólio e que se deram no ano de 2015, os quais revisito na ânsia de encontrar vestígios ou indícios de *práxis* docente.

Olhar para algo que foi criado neste contexto, mas por muitas mãos, se coloca como desafio,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

pois, como nos afirma Madalena Freire Weffort (1996, p. 14-15):

O olhar-pensante de um autor, qualquer que seja ele, registrado pelo desenho, assim como por qualquer outra linguagem artística, provoca um novo olhar naquele que olha esta produção, seja também quem for. Retomando as palavras de Merleau-Ponty, este registro suscita qualquer outro olhar a reencontrar “os motivos que sustentaram a inspeção de mundo”. Olhar o olhar do outro, registrado sobre uma obra qualquer, requer, como disse o professor João Augusto Frayse Pereira, um olhar sensível. Além de a obra refletir como espelho o olhar de quem a criou, ela também reflete, como novo espelho, o olhar de quem a vê. Só posso ver na obra o que encontra eco em mim.

Assim, a proposta é olhar o olhar do outro, mas que também é meu olhar, cujos sentidos e significados dos registros diziam de um movimento de um grupo de professores e funcionários em um outro tempo, um tempo passado, vivido e experienciado, mas que deixou memória ao ser registrado no Portfólio.

“Olhar o olhar do outro é refazer o caminho do pensamento entre o real e a sua representação. Caminho que está sempre em processo, envolvendo o cognitivo, o afetivo, o social. Percurso que se mostra através das linguagens”, como afirma Weffort (1996, p. 15).

A intenção está no ato de realizar a leitura do Portfólio, não somente decodificando os sinais gráficos, mas interpretando seus sentidos e buscando seus significados, lembrando o processo, trazendo memórias à tona. “Olhar o olhar do outro é ato de leitura”.

E é ato de leitura interpretativa, analítica. “O olhar do homem sobre o passado fornece bases mais seguras para avaliação” (WEFFORT, 1996, p. 15) do que já vivemos e do que estamos vivendo. Por isso, a importância do registro, pois somente por ele, podemos e poderemos realizar leituras interpretativas sobre as experiências vividas e dessas ampliar compreensões.

O objetivo é este, ler interpretativamente os registros que compõem o Portfólio e buscar vestígios, indícios, rastros, resquícios de *práxis* docente. Convém assinalar que fiz parte deste processo e que certamente minhas memórias sobre os mesmos serão maiores do que as marcas registradas, por que o registro é sempre uma parte, nunca o todo do pensamento do sujeito que o registra.

E esta leitura e busca pela *práxis* docente só se fez possível após um estudo em profundidade no conceito de *práxis* e de formação continuada em contexto, que se constituem e se articulam no primeiro e segundo capítulos da Dissertação, mas que não são objeto deste escrito^[1].

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Luciana Esmeralda Ostetto (2017, p. 74) afirma que “narrar algo pressupõe escolhas. Contar uma história implica eleger o que parece mais importante para o narrador; por vezes, é pensar naquilo que, para ele, interessará mais ao leitor”. Desta maneira, “para professores e professoras, escrever sobre o seu trabalho pedagógico é fundamental, pois significa contar sua história, traçar sua trajetória, comunicar certezas e incertezas, refletir sobre sua prática [...]” e “neste processo, ao elegerem as importâncias do vivido que serão registradas, deixam suas marcas”.

Madalena Freire em *Educador, educa a dor* (2008, p. 56) afirma que “o aprendizado do registro é o mais poderoso instrumento na construção da consciência pedagógica e política do educador, pois quando registramos, tentamos guardar, prender fragmentos do tempo vivido que nos é significativo, para mantê-lo vivo”. E mantê-lo vivo “não somente como lembranças, mas como registro de parte de nossa história, de nossa memória. Com esses registros construímos nossa memória pessoal e coletiva. Fazemos história”.

E é neste fazer história que modificamos nosso meio, mudamos concepções, ampliamos pensamentos, pois “o registro da reflexão e a concretização do pensamento é seu principal instrumento na construção da mudança e apropriação de sua história” (FREIRE, 2008, p. 57). E neste deslocamento, “o registro da reflexão sobre a prática constitui-se como instrumento indispensável à construção desse sujeito criador, desejante e autor de seu próprio sonho” (FREIRE, 2008, p. 58).

Amanda C. T. Lopes (2009, p. 37) considera que “registrar demanda tempo, envolvimento, disciplina - não é tarefa simples. Talvez nos falte, considerando a realidade da escola pública brasileira, instrumentos/condições facilitadoras dessa prática [...]”. E “são questões reais que opõem obstáculos àquilo que propomos”.

Mas mesmo diante dessas dificuldades a escola se posiciona desejante desses espaços de formação e encantada pela oportunidade de registrar isso, envolvendo-se entre todos os autores e refletindo sobre os anseios e receios de uma comunidade, que mesmo com muita dificuldade, escolheu pensar uma melhor infância para suas crianças.

Assim, conforme Freire (2008, p. 57) “a reflexão e o registro do pensamento envolve a todos: criança, professor, coordenador e diretor. Cada um, no seu espaço diferenciado, pensa e escreve a prática, faz teoria”. E ao fazer teoria inaugura novas possibilidades de pensar a educação da infância, ainda que singelas, mas potentes possibilidades de pensar a educação da infância.

Cabe mencionar que o tracejar de palavras para compor um registro diz de construções subjetivas do professor e da ampliação de aprendizagens, como pode-se perceber nas formações continuadas sobre a Avaliação, quando se iniciou por delinear um conceito empírico e finalizou com a escrita de um texto apontando a ampliação desse conceito.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Esse deslocamento realizado pelos professores demonstra que “o registro permite romper com a anestesia diante de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga à pensar” e, “permite ganhar o distanciamento necessário ao ato de refletir sobre o próprio fazer sinalizando para o estudo e busca de fundamentação teórica” (FREIRE, 2008, p. 58).

Cecilia Warchauer (1993, p. 62) considera que:

O registro ajuda a guardar na memória fatos, acontecimentos ou reflexões, mas também possibilita a consulta quando esquecemos. Este “ter presente” o já acontecido é de especial importância na transformação do agir, pois oferece o conhecimento de situações arquivadas na memória, capacitando o sujeito a uma reposta mais profunda, mais integradora e mais amadurecida, porque menos ingênua e mais experiente, de quem já aprendeu com a experiência.

E esse movimento vai constituindo outras formas de registrar, o que impulsiona outros registros, ou até mesmo o desejo de registrar mais e das mais diferentes formas, uma vez que o registro dentro da escola, “permite a sistematização de um estudo feito ou de uma situação de aprendizagem vivida. O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada”. E, “é o meio capaz de tornar o educador consciente de sua prática de ensino” (FREIRE, 2008, p. 59).

E não somente de sua prática de ensino, mas também de sua aprendizagem, pois como já mencionei, a escola precisa ser um lugar de aprendizagens também para o professor. E isto podemos perceber substancialmente na leitura interpretativa do Seminário Interno Partilhando Vivências Pedagógicas, que relatamos e analisamos no item 3.2.5, uma vez que nele percebemos a ideia de criança construída por cada professor e auxiliar, na constatação de que os adultos também aprendem com as crianças e aprendem muito, repensam suas práticas, redimensionam ações pedagógicas em função dessas aprendizagens. Pensar sobre “uma ideia de criança” no primeiro seminário oportunizou um debate sadio, interpretativo do cotidiano e potente na condução de um novo olhar para a criança e os registros nos mostram isso.

Ostetto (2012, p. 20) pondera que “registrar tem a ver com criação. Criação de histórias, de enredos, de práticas. Criação/recriação de si mesmo. Reinvenção do cotidiano”, além de que,

Como nos diz Maria Isabel Leite (2004, p. 26), no ato de registrar trata-se “de deixar rastros. Reconhecer-se e expressar-se. Fazer-se presente, sujeito da memória e da história”. Ao escrever e refletir sobre o escrito que, por sua vez, reflete a prática, o professor pode fazer teoria, tecer pensamentos-vida. Escrever o que faz. Repensa o que faz. Redefine o que faz. Reafirma o que faz. Percebe limites e possibilidades de sua prática. Procura alternativas. O registro [...] é, pois, um instrumento que articula

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

e alimenta a ligação entre teoria e prática, entre as aprendizagens já realizadas e os novos conhecimentos.

Registrar as “ideias” e concepções singelas ou singulares dos professores e potencializar o debate sobre elas, dentro do espaço da formação continuada em contexto, certamente, foi um grande ganho daquele grupo que uniu-se em prol de um objetivo: refletir o cotidiano e compor uma nova forma de fazer Pedagogia, dessa forma, o registro assume-se como “instrumento para a construção da competência desse profissional reflexivo, que recupera em si o papel de intelectual que faz ciência da educação” (FREIRE, 2008, p. 60).

E em função disso que o registro se torna tão relevante, pois marca a história de profissionais e sua dedicação em refletir o cotidiano. O registro é visto como processo de construção de saberes, nunca apenas como um produto pronto, acabado, finito. O registro é visto “como *meio e fim, processo e produto*: meio de reflexão, pensamento, avaliação, formação, melhoria da ação; é também documento, história, conhecimento” (LOPES, 2009, p. 41, *grifos da autora*), pois, “o registro tem um valor anterior e posterior à produção, vale como processo e como produto. Não é fim em si mesmo, tampouco meio apenas” (LOPES, 2009, p. 41).

Gianni Rodari no poema *O Homem de Orelhas Verdes* que compõe a Introdução do livro de Francesco Tonucci, propõe que pensemos sobre a capacidade de reflexão do adulto junto às crianças:

O Homem de Orelhas Verdes

Um dia num campo de ovelhas

Vi um homem de verdes orelhas

Ele era bem velho, bastante idade tinha

Só sua orelha ficara verdinha

Sentei-me então ao seu lado

A fim de ver melhor, com cuidado

Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade

De uma orelha tão verde qual é a utilidade?

Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

De um menino tenho a orelha ainda

É uma orelha-criança que me ajuda a compreender

O que os grandes não querem mais entender

Ouçõ a voz de pedras e passarinhos

Nuvens passando, cascatas e riachinhos

Das conversas de crianças, obscuras ao adulto

Compreendo sem dificuldade o sentido oculto

Foi o que o homem de verdes orelhas

Me disse no campo de ovelhas.

Uma orelha-criança possibilita ao professor um auxílio na compreensão desse cotidiano rodeado de intencionalidades, de aprendizagens, de perguntas, de possibilidades de resposta, de tencionamento da teoria, de apropriação de saberes e fazeres, de ações práticas e pedagógicas. É essa orelha-criança que oportuniza ao professor a escuta em sua complexidade, como mencionamos anteriormente ao citar os estudos de Carla Rinaldi.

Para um registro qualificado a escuta é fundamental, pois, precisamos ouvir com todos os sentidos, pelos poros, pelo olhar, pela pele, como nos sugere Tonucci (1997, p. 34) na figura intitulada “*A pele: limite entre eu e o mundo*”.

Compartilho da intencionalidade pedagógica de Lopes (2009, p. 41, *grifos da autora*) quando ela afirma que “desejamos, neste sentido, ampliar a noção de registro a fim de incluir as múltiplas linguagens e os diferentes meios de registrar, concebendo-o especialmente, como *leitura da realidade e reflexão sobre ela*”.

Leitura interpretativa da realidade que permite buscar formas de compreensão do nosso meio, das peculiaridades do cotidiano e das particularidades do que é rotineiro. E que permite avançar, ampliar, alargar horizontes. Pensando no registro das formações continuadas em contexto como registro a ser lido por todos os segmentos da escola e por outras comunidades escolares.

E uma leitura que possibilite a reflexão do interpretado, uma contemplação, uma meditação sobre o vivido, um raciocínio ponderado, com o pensamento dedicado ao cotidiano, no frenético ensaio na consideração, na observação, na ponderação, na postulação de argumentos, que estendam, alarguem e espalhem questionamentos sobre o cotidiano.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Madalena Freire (2017) evidencia que “o desafio é formar, informando e resgatando num processo de acompanhamento permanente, um educador que teça seu fio para apropriação de sua história, pensamento, teoria e prática”. E afirma que “é no grupo, acompanhado por um educador, onde, a partir de socializações de nossas reflexões, de nossos significados, entramos em contato com o pensar do outro, gestando o confronto e o conflito com este pensar. Pois sempre pensamos, refletimos, com e para o outro, a favor ou contra”. Somente assim, “aprendemos a pensar junto com o outro, num grupo coordenado por um educador”.

Portanto, os momentos de efetiva formação continuada em contexto e os registros que surgem a partir deles se tornam importantes para a reflexão sobre o cotidiano, o vivido e o observado.

Conforme Ostetto (2012, p. 21) a prática do registro é importante porque nos permite construir a *memória compreensiva*:

que não é simples recordação do que aconteceu, lembranças vãs, mas é a base para refletir sobre o passado, para avaliar as ações do educador, para rever o cotidiano educativo e o trabalho desenvolvido com o grupo de crianças; também para reafirmar o presente e projetar o futuro. Na escrita vamos ampliando nossa compreensão sobre a prática. Ao colocar no papel a experiência (hoje, aliás, pode ser colocada na tela do computador...), tomamos distância e, por isso, podemos nos aproximar ainda mais dela. A palavra escrita nos permite ir além da palavra, revelando pontos insuspeitados, ideias e entendimentos apenas delineados, que apontam para outras direções. Com ela podemos alargar a dimensão do detalhe: o que era mínimo se agiganta e o relato de nossa prática ganha visibilidade.

Provavelmente, é somente nesse movimento de refletir, agir, registrar, interpretar, reorganizar o registrado, que avançaremos no caminho em prol de uma escola de qualidade que respeite as aprendizagens das crianças e dos professores. E que permita que a escola seja um lugar de aprendizagem para crianças e adultos.

Pronunciar o mundo – como nos propõe a pensar Paulo Freire – foi o nosso maior movimento de transformação do cotidiano, pois aprendemos através dos registros e das tentativas de documentação pedagógica, contar, dizer, falar sobre o cotidiano e buscar referenciais para pensar o mesmo. Nossas aproximações entre o dito e o vivido se tornaram eixos norteadores de muitos diálogos, dentro e fora da escola.

Observar a complexidade do cotidiano e, conseqüentemente, a complexidade da *práxis* docente só se faz possível num processo contínuo de colocar nossas ações em evidência, pensar sobre elas, ampliar nossa escuta e capacidade de dialogar com os outros, crianças e professores, com os referenciais teóricos e com registros que marcam nosso caminho.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

O portfólio possibilitou a reflexão sobre o cotidiano. O portfólio criou memórias em diferentes linguagens, com desenhos, com letras, com palavras, com pequenas frases, com argumentos escritos, com excertos de autores, com textos de professores, com imagens e fotos. Foram muitas as linguagens exploradas e muitas as formas de ler as marcas deixadas/registradas pelo caminho.

Registrar é deixar marcas e foram essas marcas que compõem o Portfólio, que me permitiu voltar a ele e ler aquelas vivências, resgatar a memória das experiências de um grupo. Que mesmo que embrionárias, demonstram que é possível viver a *práxis* docente, se a considerarmos – como Marx propõe – como a atividade humana criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria, faz, produz, e transforma o seu mundo humano e histórico e a si mesmo, ao discutir saberes e fazeres, na interlocução entre as experiências – algo que nos aconteça ou nos toque, como afirma Larrosa –, na leitura e na tomada de consciência da sua realidade, considerando sua complexidade.

E a pergunta que me moveu nesta pesquisa que constituiu e construiu a dissertação – haviam vestígios ou indícios de *práxis* docente nos registros do Portfólio? – já pode receber uma possível resposta: Possivelmente sim!

Haviam indícios de *práxis* docente quando os professores modificam suas concepções acerca da avaliação, ampliando o conceito empírico que tinham. Haviam indícios de *práxis* docente quando na escrita de seus textos sobre avaliação apontam a mudança de postura em relação à avaliação das crianças. Haviam indícios de *práxis* docente quando nos relatórios de desenvolvimento e aprendizagens apresentam-se mais elementos para compor um discurso de aprendizagem das crianças, percebendo-se ricamente que as professoras passaram a ter um olhar sensível e uma escuta atenta às crianças, ainda que de forma singela. Haviam indícios de *práxis* docente quando no estudo sobre as DCNEI, pronunciaram questões e mantiveram diálogo qualificado reconhecendo nossas fragilidades enquanto instituição, pensando em possibilidades para modificarmos algumas organizações e vencermos essas fragilidades. Haviam indícios de *práxis* docente quando no 1º Seminário Partilhando Vivências Pedagógicas, o diálogo foi elo central entre o vivido com as crianças e a ampliação de referenciais teóricos que embasaram os discursos de professores e auxiliares.

Houveram vestígios, ainda que discretos, de uma nova imagem de criança – uma ideia de criança ativa, participante e potente –; e uma outra imagem de profissional – que se utiliza das formações continuadas em contexto para ampliar seus saberes teóricos e avançar em sua prática pedagógica diária, e digo de profissional, porque embora eu delimite para a leitura interpretativa somente os registros de formações continuadas de professores, é visível no registro dos funcionários essa mesma postura, salvaguardando as particularidades de cada cargo –, evidenciando que o desenvolvimento profissional praxiológico perpassa a possibilidade de nos desenvolvermos no coletivo, como nos sugere pensar Oliveira-Formosinho(2016, p. 90).

As formações continuadas em contexto que discutem as ações pedagógicas realizadas pelos

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

professores tornam-se uma possibilidade de *práxis* docente, o que foi constatado com a análise dos registros constados no Portfólio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Registrar a prática pedagógica realizada na escola é, com certeza, uma vivência relevante. Principalmente pelo fato de que possibilita olhar para o passado e reinventar o futuro, sendo uma documentação que propicia a reflexão em vários momentos, ou seja, permite que se pense sobre o que foi realizado no momento em que se registra, mas também, em todos os momentos em que se volta ao registro e pensa-se em como poderia ter sido realizado.

Num primeiro momento essa forma de documentação – através do Portfólio – trouxe um sentimento de resistência e medo, o que sempre considerei compreensível, uma vez que era uma possibilidade nova e ainda desconhecida por grande parte dos colegas. Mesmo assim, houve a aceitação e a participação dos educadores e funcionários. Com o tempo foi-se descobrindo, estudando e pesquisando o que era o Portfólio e o que poderíamos realizar com ele.

O interessante do Portfólio em nossa escola é que ele possibilitou que todos os educadores e demais funcionários (re)visitassem a todo momento os registros nele contidos, potencializando várias discussões e inclusive interações entre as professoras, no sentido de estar trazendo ideias, sugestões e possibilidades ao trabalho dos colegas. Pode-se afirmar que sim, foi possível avançar nas práticas pedagógicas a partir dos registros realizados no portfólio.

Sabe-se que num contexto de educação coletiva como a escola de educação infantil a prática de reflexão é necessária e urgente, pois só ela possibilita que se pense sobre o trabalho pedagógico cotidiano dentro do seu contexto, reconhecendo suas fragilidades e potencialidades. E este é o objetivo das formações continuadas em contexto, sobre as quais realizamos inúmeras tentativas de aproximações com o seu conceito dentro da perspectiva da Pedagogia-em-Participação, buscando o envolvimento de todos os segmentos e a visão de uma *práxis* docente possível, apesar de nossas dificuldades e fragilidades.

Reconhece-se que neste período realizaram-se formações, principalmente com a função de ampliar as discussões que os professores buscavam com a professora/coordenadora pedagógica, transformando a escola em um *locus* da reflexão qualificada e do avanço nas ações pedagógicas com os bebês e as crianças bem pequenas.

Os desafios com a vivência da reflexão da prática pedagógica enfrentados no cotidiano escolar foram diversos. Neste contexto se faz necessário que o professor/coordenador pedagógico possa rever e melhorar as suas ações e assim conhecer a realidade da escola e de todos os envolvidos nesse fazer pedagógico, a fim de alcançar os resultados planejados. É importante desenvolver

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

continuamente uma análise da realidade da escola e de todos os envolvidos no fazer pedagógico.

O entendimento de que precisamos de um espaço na escola para a reflexão, o estudo e o registro das práticas é relevante, pois possibilita a constante (re)visão do cotidiano da escola e, cabe ao professor/coordenador pedagógico efetuar a organização dos estudos e garantir a participação de todos na concepção e consolidação da Proposta Político-Pedagógica que deve refletir o papel da escola.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Madalena. A Paixão de Conhecer o Mundo: relatos de uma professora. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Educador, educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Coordenador:** Roteiro de ações e formação de educadores. In: <http://www.tempodecreche.com.br/espaco-de-coordenar/coordenador-roterio-de-a-coes-e-formacao-de-educadores/#more-2111> Acesso em 27 de outubro de 2017.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da liberdade - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. Pedagogia do Oprimido. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. NOGUEIRA, Adriano. Que fazer: teoria e prática em Educação Popular. Petrópolis: Vozes, 1989.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação n. 19, 2002.

LOPES, Amanda Cristina Teagno. **Educação Infantil e registro de práticas.** São Paulo: Cortez, 2009

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. A Formação em Contexto: a mediação do desenvolvimento profissional praxiológico. In: CANCIAN, Viviane Ache; GALLINA, Simone Freitas da Silva; WESCHENFELDER, Noeli (orgs.). **Pedagogias das Infâncias, Crianças e Docências na Educação Infantil**. Santa Maria: UFSM, Centro de Educação, Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo; [Brasília] Ministério da Educação, Secretária da Educação Básica, 2016.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil: Saberes e Fazeres da Formação de Professores**. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

_____. **Registros na Educação Infantil: Pesquisa e Prática Pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

RODARI, Gianni. O homem de orelhas verdes. In: TONUCCI, Francesco. **Com olhos de Criança**. Trad. Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de Criança**. Trad. Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WARSCHAUER, Cecilia. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

WEFFORT, Madalena Freire; CAMARGO, Fatima; DAVINI, Juliane; MARTINS, Mirian Celeste. **Observação, registro, reflexão** - Instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

[1] É possível consultar a totalidade dessa pesquisa, junto ao Banco de Teses e Dissertações disponíveis no site da Universidade, através do link: <https://www.unijui.edu.br/estude/mestrado-e-doutorado/educacao-nas-ciencias>

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa